

Discurso de Parainfã*

VERA LÚCIA CASA NOVA **

Começo por interrogar-me acerca das razões que levaram os alunos do 6º período da Escola de Biblioteconomia da UFMG a escolher uma professora de História da Literatura para ser parainfã.

Talvez por razões de identificação, de imagem no espelho, ou como diria Caetano Veloso "Narciso acha feio o que não é espelho", ou porque tenha eu ficado na imagem fixada em sala de aula entre discussões sobre conceitos de literatura, estudado com vocês textos nunca antes lidos ou analisados. Mas acho que escolheram o sujeito "incerto" para o espaço onde reinam a técnica, o rigor e o saber científico da informação.

Mesmo assim não posso me furtar da alegria e da honra de estar aqui junto a vocês, que comigo sempre partilharam da crítica às pressões do poder tecnocrático e também comigo desejam a transformação.

Para quem trabalha com os signos, os discursos, com a "prática de escrever", com o jogo das palavras, de que a língua é o teatro, mas também arma de transformação social, eis algumas reflexões apressadas.

* Discurso de parainfã dos formandos da Escola de Biblioteconomia da UFMG, em dezembro de 1982.

** Professora do Departamento de Teoria da Literatura e Linguística da Faculdade de Letras e da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Gostaria de citar algumas teorias, recortar alguns textos que julgo importantes e que muito me ensinam; entretanto fico com meu próprio discurso, usando uma ou outra citação, o que me permite a liberdade de ir e vir das idéias pouco elaboradas num ritmo de saída de greve de professores universitários.

Não me esqueço do dia em que lendo um diálogo de Platão, cujos personagens eram Menon e Sócrates, parei para pensar na embaraçosa consideração sobre a virtude e o ato de ensinar.

Diz Menon: Estarias disposto a dizer-me, Sócrates, se a virtude pode ser ensinada? Ou quem sabe se não é nem ensinável nem adquirível pela prática, mas recebida de nossa própria natureza? Ou, talvez, de outra qualquer maneira?...

Aqui começava a questão socrática a respeito da educação. Questão até hoje problemática porque nos lança na encruzilhada da superação de dicotomias básicas entre teoria e prática, ensinar e aprender, entre o conhecer o conhecimento existente e a criação de um novo conhecimento. Aí o grande impasse da educação, esse processo dialético quotidianamente permanente que nos propõe e nos coloca na história e nos remete à crítica. Não a educação como "camuflagem" da realidade concreta, opressão, violência, invasão, mas que pensa o real no projeto de ações concretas do homem sobre o mundo de onde partem os homens e os seus atos.

A virtude pode ser ensinada, ou também ela não seria uma metáfora, e como tal um produto histórico?

As idéias, os símbolos, os valores são produzidos dentro de um sistema econômico como exigência de sua formação e reprodução, compondo o que chamamos *cultura* espiritual desse sistema. Assim também o conhecimento. Os modos de produção do conhecimento,

da ciência, do livro estão também comprometidos com uma *engrenagem* industrial ligada diretamente a esse sistema. Força produtiva, mercadoria. Mercantilização do conhecimento. Essa a nossa realidade — a realidade do sistema econômico que vivemos, que reforçamos e reproduzimos, sem nos dar conta das relações de dominação que nos envolvem. Ao entrarmos no mecanismo cultural, comprometemo-nos política e socialmente com o nosso tempo histórico que marca sua existência enquanto ser concreto no interior das classes sociais. Afinal para quem trabalhamos? Esta pergunta é para vocês. Não vou respondê-la. Lembro somente que a gratuidade de nossos atos, a neutralidade de nossos discursos não existem mais.

A *cultura* do capitalismo aparece na fábrica, no governo, no exército, na igreja, no banco, na escola, no cinema, no jornal, na TV e em todos os núcleos de produção material e espiritual. É o efeito da ideologia. Enquanto ideologia, ele reúne, organiza e desenvolve ideais, valores, princípios que indicam as condições, os limites e as direções do pensamento e do comportamento das pessoas, grupos e classes sociais.

E o que a essa ideologia interessa é a passividade mental, a falha de criatividade, a incapacidade, ou seja até, viver o desejo, que implica na eterna falta. E nós já estamos cansados de tanta falta, nós queremos a presença, não a ausência. Biblioteca sem verba para compra de livros, atualização e divulgação de conhecimento para a comunidade não é biblioteca. Biblioteca sem espaço de leitura crítica, sem grupos de trabalho de pesquisa de leitura de usuários é coisa do passado, da inércia em que fomos jogados durante anos. Da mesma forma que o bibliotecário sem sua organização política específica não é bibliotecário, é aquele que vive

sua utopia cotidiana, escorregando no individualismo e na reprodução de valores, de princípios próprios da cultura burguesa.

Se vocês aprenderam comigo alguma coisa como eu aprendi com vocês estejam de olhos abertos à mistificação, acautelem-se contra os discursos sedutores que nos falam de eficácia, competência, competitividade, racionalidade — esses são alguns dos signos do discurso idelógico do poder, que serve a uma minoria. Existem outros signos a serem colocados — exploração, contra-dição, alienação — sobre esses temos que nos debruçar se quisermos mudar a política cultural e saírmos de seu impasse.

Ensinar e aprender. Aprender e ensinar a ler o mundo. Relembro Paulo Freire. O ato de ler acorda ou adormece. Seria bom que sempre acordássemos ao ler, agitássemos nosso pensamento e nossa reflexão. Mas num país em que a ignorância política e cultural existe e com ela cada vez mais a pauperização das classes operárias, sem condição de estudo e aderindo aos meios de comunicação de massa como a TV, tudo fica mais difícil, mas nada é impossível.

“Leitura é coisa de elite” me disse um dia um estudante da Faculdade de Letras. Ele não estava inteiramente errado — se os sacrifícios econômicos estão sendo impostos a nós, pensemos nos culturais. Como comprar livros, por exemplo? Se livro é luxo. Biblioteca não pode ser. A luta é também de vocês. Para os que vão trabalhar nas escolas: incentivem a discussão sobre leitura, possibilitem a elaboração de práticas pedagógicas, que a biblioteca escolar não seja um espaço da obrigatoriedade, mas do diálogo, da troca de idéias sobre os livros. Para aqueles que vão para centros de documentação, de informática, processamento de dados

e de microfilmagem tentem sempre reelaborar e projetar dentro da realidade de nossa cultura que não é tão somente a que serve a pequenos grupos que estão no poder. Para aqueles que vão para institutos de pesquisa, mapotecas, discotecas, plantotecas, filmotecas, hemeotecas não se esqueçam de que todos devemos estar integrados num trabalho de participação social, para a dinamização cultural. Para aqueles que vão para as editoras, os jornais, agências publicitárias não se esqueçam que o canto da sereia é sedutor mas quando o marinheiro se aproxima morre afogado. Para aqueles que vão para as empresas, indústrias, hospitais, clubes de cultura não se esqueçam de que devemos trabalhar com as classes subalternas, ajudando-as a ver, a partir de sua prática, as contradições e a ler nas entrelinhas o jogo da alienação. Para aqueles que se dediquem a projetos de bibliotecas, pensem na possibilidade de uma biblioteca sempre aberta, democrática, núcleo de produção de textos novos, de transformação de tradições culturais, na formação de comissões de participação e reivindicações para atuação junto a associação de bairros, partidos políticos, no sentido sempre de informar, conscientizar, organizar.

Para todos vocês, enfim, quando formados, ou eternamento se formando, meus votos de "paixão pela mudança". Porque para impor nossa marca na história e na cultura de nosso povo é preciso nunca desistir, suar e não esquecer que a finalidade básica, hoje, do espaço de vocês é a "de integrar pela leitura e pela informação os indivíduos à sua comunidade, à sociedade e ao tempo em que estão vivendo e que isto exige presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Implica invenção e reinvenção".

Retomando o diálogo entre Menon e Sócrates sobre a virtude, diria eu que a virtude é essa capacidade de se inventar e reinventar o cotidiano, e que a luta tanto quanto a aprendizagem só acabam com a travessia.

Boa sorte!